



Seminários Essenciais

Velho Testamento – parte 1*

Aula 11: Jó

*Este material foi traduzido pela Igreja Batista Calvário em Pinhais

Introdução à Literatura Sapiencial

Bom dia! Esta manhã, vamos estudar o livro de Jó. Contudo, se você tem participado fielmente das aulas nessas últimas dez semanas, tenho certeza de que está se questionando: “Como assim? Vimos Rute, 1 e 2 Samuel, e já vamos para... Jó?” Sim. Vou explicar melhor.

Dê uma olhada na segunda folha do aluno que você recebeu quando entrou aqui: “O Velho Testamento na Ordem da História da Redenção”. Você pode ver os livros do Velho Testamento agrupados por tema, indo desde a criação do povo de Deus no Pentateuco até o estabelecimento do povo de Deus na terra e a coroação do rei de Deus que vimos na semana passada estudando Rute e 1 e 2 Samuel. O próximo livro da Bíblia, 1 Reis, começa o processo de reverter tudo isso pela desobediência dos reis de Deus. Esta é uma história contada em Reis e registrada pelos profetas. Então, vem o exílio ou o *des*-estabelecimento do povo de Deus e, finalmente, a re-criação do povo de Deus.

No entanto, antes disso, quando a realeza é estabelecida, temos a sabedoria e o louvor do rei de Deus. Porque, se pararmos para pensar, a frequentemente chamada “literatura sapiencial” que fica no meio da Bíblia está bastante relacionada ao rei de Deus. Muitos dos Salmos foram escritos por Davi. Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos ou são creditados ao filho de Davi, Salomão ou estão bastante ligados a ele. Esses livros eram e significavam sabedoria para governar bem como um rei de Deus — ainda mais do que eram destinados ao povo de Deus.

Portanto, vamos fazer uma pausa na história *dos* reis de Israel a fim de olhar a sabedoria de Deus *para* os reis.

Uma Introdução a Jó

Claro, ironicamente, quando chegamos a Jó, vocês podem acabar meio que esquecendo tudo o que acabei de falar. Isto porque Jó não foi escrito por nenhum rei. Então, por que vamos estudar Jó agora? Basicamente porque ele é literatura sapiencial e estamos comprimindo-o com o resto da literatura sapiencial que *realmente* se encaixaria aqui. Jó é atemporal em sua sabedoria. Baseando-nos em como Jó vive, nas descrições da riqueza dele e outras coisas, o livro parece se passar na época de Abraão (ou mesmo antes). Mas o uso do termo da aliança “Yahweh” feito pelo narrador para se referir a Deus indica que a história foi compilada após o Êxodo, quando Deus deu ao povo o seu nome da aliança. Portanto, Jó é um livro que não precisamos encaixar perfeitamente na cronologia de outros eventos externos. É interessante, porém, que quando os personagens falam, eles quase sempre usam o termo genérico “Deus”, mas, quando o narrador fala, ele usa “Yahweh”, que vocês lerão em suas Bíblias como “O SENHOR”. Logo, quem compilou isso sabia muito mais sobre Deus do que Jó.

Então, do que se trata o livro de Jó? Mais fundamentalmente, o livro de Jó trata de fazer algumas das perguntas mais difíceis da vida: Por que o justo sofre da mesma forma que o injusto? Os ímpios parecem ficar impunes e muitos justos sofrem. Como explicamos isso? E, talvez mais importante, como os justos devem se comportar quando sofrem?

Você pode dizer que duas coisas são pressupostas aqui: (1) Que Deus é soberano, ordenando tudo o que acontece; e (2) Deus é bom, amando o que é certo e odiando o que é mau. O livro de Jó, muito semelhante ao de Rute que vimos na semana passada e ao livro de Habacuque que estudaremos na segunda metade do curso, trata do hiato existente entre o que as circunstâncias parecem nos dizer sobre Deus e a realidade de sua bondade e soberania em sua Palavra. Quando olhamos para a vida ao nosso redor, parece que ou Deus não está no controle, ou ele realmente não se importa com o que é bom. Jó visa nos fazer entender como podemos confiar em um Deus bom e soberano em meio ao sofrimento inexplicável.

Observe que eu não disse que Jó explica por que essas coisas acontecem. Em parte, o livro é bem útil por explicar a razão de coisas ruins terem acontecido com Jó. Mas ele próprio nunca descobre isso. Pelo contrário, o livro trata de como podemos confiar em um Deus bom e soberano, *apesar* da natureza das circunstâncias que vivemos. Jó é um livro sobre confiança. Ele não se preocupa em nos dar a explicação perfeita. Não procura nos encher de evidências para que possamos dar um salto de fé intelectualmente honesto para confiarmos em Deus nas circunstâncias difíceis. Mesmo que nunca descubramos, enquanto estivermos aqui nesta terra, por que tivemos de passar por essas dores e dificuldades.

Portanto, podemos resumir o livro de Jó com uma simples frase temática:

*Deus é completamente soberano sobre **tudo** o que acontece no seu universo, para sua própria glória. Muitas vezes seus motivos, razões e objetivos por trás do que ele faz não são revelados a nós. Entretanto, em seu caráter e em nosso Redentor, encontramos razão para confiar em seu cuidado.*

Isso não é um tipo de teologia sistemática do Novo Testamento sendo aplicada à literatura antiga. Em vez disso, esta *é mesmo* a mensagem de Jó. Jó aborda questões gigantescas. E ele não nos dá uma resposta simplista e clichê. Não há correspondência um para um entre mal e sofrimento, ou entre justiça e recompensa, aqui nesta terra. As coisas são complicadas e difíceis. E a maneira como Jó lida com isso é sincera e realista. Essas questões precisam ser tratadas com seriedade, sobriedade, humildade e reverência. Mas elas *precisam* ser tratadas. Há um sofrimento intenso no livro de Jó. E tentativas equivocadas de responder à pergunta *por que* Deus permite que esse sofrimento aconteça. Mas, no fim, a voz de Deus surge, tornando claras todas as coisas.

Vamos dividir o livro hoje em três grandes partes. Primeiro, vamos ver que *muitas vezes sofremos*. Em seguida, que *às vezes entendemos*. E, por último, que *sempre podemos confiar*.¹

Então, nós muitas vezes sofremos. Às vezes, entendemos. Mas podemos confiar sempre. Vamos começar.

Muitas vezes sofremos

Quando encontramos Jó pela primeira vez, percebemos que ele é um homem justo. Capítulo 1, v. 1: “Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó. Este homem era íntegro e reto, temia a Deus e se desviava do mal”. Jó não só era justo, ele era muito rico, v. 2 e 3, e sábio, como vemos no v. 5. No geral, como vemos no v. 3, Jó era “o maior de todos os do Oriente”.

Contudo, Jó não é mais conhecido pelo que tinha e era, mas pelo que perdeu (embora não seja só por isso). Oito versos narram sua descida à ruína total. Primeiro, ele perde sua riqueza, v. 13:

Um dia, quando os filhos e as filhas de Jó comiam e bebiam vinho na casa do irmão mais velho, veio um mensageiro a Jó e lhe disse: — Os bois estavam lavrando e as jumentas

¹ O restante desta aula é retirado quase inteiramente do capítulo de Mark Dever sobre Jó em “A Mensagem do Antigo Testamento: Uma Exposição Teológica e Homilética”

estavam pastando junto a eles. De repente, os sabeus atacaram e levaram tudo. Mataram os servos a fio de espada. Só eu consegui escapar, para trazer a notícia. Enquanto este ainda falava, veio outro mensageiro e disse: — Fogo de Deus caiu do céu e queimou as ovelhas e os servos, destruindo todos eles. Só eu consegui escapar, para trazer a notícia. Enquanto este ainda falava, veio outro mensageiro e disse: — Os caldeus se dividiram em três bandos, atacaram os camelos e os levaram embora. Mataram os servos a fio de espada. Só eu consegui escapar, para trazer a notícia. Também este ainda falava quando veio outro e disse: — Os seus filhos e as suas filhas estavam comendo e bebendo vinho na casa do irmão mais velho. De repente, eis que se levantou um vento muito forte do lado do deserto e bateu contra os quatro cantos da casa. Ela caiu sobre os jovens, e eles morreram. Só eu consegui escapar, para trazer a notícia.

Além de tudo isso, Jó perde a saúde, 2.7. Tudo isso é tirado de Jó em um momento.

Passando de Jó para nós mesmos, vale a pena notar que, embora Jó provavelmente tenha tido muitos sofrimentos *de uma vez e de modo mais súbito* que nós, ele não sofreu *muito mais* coisas do que nós sofreremos. Como disse Sir Walter Scott: “Quer veloz ou devagar, no fim a morte que vai chegar”.

De fato, o sofrimento é algo universal. Mesmo assim, às vezes nós cristãos evitamos reconhecer a dúvida, o medo, o fracasso, a raiva ou o conflito que o sofrimento pode trazer. Gostamos que nossos cultos sejam como reuniões motivacionais. Mas se quisermos ter uma compreensão realista sobre o que significa ser um seguidor daquele que foi crucificado, se quisermos viver no mundo real, devemos reconhecer que, embora possamos ser capazes de nos sentir melhor por algum tempo com uma versão cor-de-rosa do cristianismo, não conseguiremos convencer muitas pessoas à nossa volta. E também não estaremos lidando honestamente com nós mesmos. Jó é um bom exemplo de alguém que sofre e lida honestamente com seus sofrimentos.

Essa é a primeira coisa que vemos neste livro: muitas vezes passamos por sofrimentos.

[Pausa para perguntas]

(Só) às vezes entendemos

A segunda afirmação que resume a mensagem de Jó para nós: *às vezes entendemos*, é dela que a maior parte do livro trata.

Vamos para um breve panorama do resto do livro. Vocês o verão escrito na última página da sua folha do aluno.

No final do capítulo 2, três dos amigos de Jó vêm consolá-lo e ficam sentados com ele em silêncio por uma semana inteira. Muito sábio da parte deles. Finalmente, no capítulo 3, Jó quebra o silêncio e extravasa a sua queixa.

A partir daí, os capítulos 4-41, todos, exceto o último capítulo, são uma série de diálogos.

Do 4 ao 31, há três ciclos de diálogos entre Jó e seus três amigos, Elifaz, Bildade e Zofar. Nos ciclos um e dois, Elifaz fala e Jó responde. Depois, Bildade fala e Jó responde. Em seguida, Zofar fala e Jó responde. Na realidade, cada um dos oradores defende a mesma ideia: o sofrimento aconteceu porque Jó pecou. Ao que Jó sempre responde: Não! Sou inocente! No final do terceiro ciclo, Jó faz seu último protesto, quase exigindo que Deus apareça e explique o seu sofrimento.

Em vez de Deus, ouvimos sobre um jovem chamado Eliú, o qual aparece no capítulo 32 e fala até o 37. Eliú diz que já estava ouvindo há algum tempo, mas não tinha dito nada por ser mais jovem e não querer desrespeitar os mais velhos. Porém, Eliú não estava feliz com ninguém. Ele acreditava que os diálogos estavam se concentrando demais em olhar o próprio umbigo e apontar o dedo para Jó, e pouco em Deus. Então, ele faz quatro monólogos sobre a grandeza da justiça e da misericórdia de Deus que estão além da compreensão humana. Eliú desafia Jó a considerar que seus sofrimentos

podem ser, de alguma forma, atos deliberados de um Deus amoroso. E ele conclui, em 37.23-24, dizendo:

Quanto ao Todo-Poderoso – não o podemos compreender.
Ele é grande em poder;
porém não perverte o juízo e a plenitude da justiça.
Por isso, as pessoas o temem;
ele não olha para os que se julgam sábios.

Por fim, no capítulo 38, o próprio Deus entra na discussão e critica aqueles que obscurecem os planos dele “com palavras sem conhecimento” (38.2). Em uma das passagens mais marcantes da Bíblia, Deus pinta um retrato para Jó e os outros de seu poder único e soberano. Como ele vai dizer mais à frente: “Quem pôs sabedoria no coração ou deu entendimento à mente?” (38.36). Deus olha para o mundo natural e considera as muitas coisas que fez, dos mares às estrelas, dos avestruzes aos bois.

Então, no capítulo 40, Deus pergunta diretamente a Jó: “Será que alguém que usa de censuras poderá discutir com o Todo-Poderoso? Que responda a isso aquele que critica Deus!”. (40.2).

A resposta de Jó é simples: “Sou indigno. Que te responderia eu? Ponho a mão sobre a minha boca. Uma vez falei, e não direi mais nada; aliás, duas vezes, porém não prosseguirei.” (40.4-5).

Deus responde:

Será que você está querendo anular a minha justiça?
Ou me condenará, para se justificar?
Você tem um braço tão forte como o braço de Deus?
Você pode trovejar com a voz como ele troveja?
Adorne-se, então, de excelência e grandeza,
e vista-se de majestade e glória.
Derrame as torrentes da sua ira;
olhe para os orgulhosos e humilhe-os. (40.8-11)

No resto dos capítulos 40 e 41, Deus continua a ensinar Jó e os outros sobre quem ele é: “Quem então será capaz de se erguer diante de mim? Quem primeiro deu algo a mim, para que eu tenha de retribuir-lhe? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu.” (41.10b-11).

No capítulo 42, o último capítulo, Jó faz sua confissão final:

Eu te conhecia só de ouvir,
mas agora os meus olhos te veem.
Por isso, me abomino
e me arrependo no pó e na cinza.” (v.5,6)

A história termina aqui no capítulo 42 com Deus dizendo a Elifaz, Bildade e Zofar que eles estavam errados. Ele diz que o que Jó disse sobre Deus é verdade (42.7). Então, ele abençoa Jó. Há algumas coisas interessantes que Deus *não* diz, às quais já chegaremos.

Esse foi um resumo do livro, mas voltemos ao tema principal que percorre estes capítulos: Às vezes entendemos.

Os amigos de Jó afirmavam que nós *sempre* podemos entender por que sofremos. Seus argumentos basicamente podem ser resumidos assim: “Jó, tudo o que aconteceu com você é muito ruim. Você deve ter pecado de uma maneira extraordinária, porque Deus é justo. E, embora você negue ter pecado, nós sabemos que você deve ter pecado. Não pode haver outra explicação.”

E toda vez Jó basicamente respondia: “Oh, não! Isso não pode ser por causa do meu pecado”. Não que ele nunca tenha pecado, mas é que nenhum grande pecado oculto tinha marcado sua vida para ter atraído tamanha calamidade.”

Os amigos de Jó continuam voltando à ideia básica de que “Recebemos o que merecemos”. A reação deles, de fato, é como a dos discípulos de Jesus em João 9.2: “Mestre, quem pecou para que este homem nascesse cego? Ele ou os pais dele?”. Os amigos de Jó estavam tão certos quanto os discípulos de Jesus.

E até podemos nos identificar com eles. Eles queriam saber por que tudo aquilo tinha acontecido com seu amigo Jó. Eles não negaram a realidade do mundo material como um cientista cristão ou como um budista que diz basicamente que “o sofrimento não é real”. Eles não podiam abandonar sua ortodoxia rejeitando a justiça de Deus ou a sua soberania. Então, foi essa opção que aparentemente sobrou para eles. Como pode Jó, sendo inocente, sofrer num mundo de um Deus que é soberano e justo? Logicamente, alguma das opções tinha de ceder – e a inocência de Jó parece ser a primeira a cair por terra. No entanto, em nosso mundo de hoje, há pessoas que desistem até de todos esses três pilares. Alguns negam a realidade do sofrimento, como acabei de mencionar. Alguns pensam que Deus é bem-intencionado, mas incapaz de nos proteger. Outros negam sua bondade ou sua justiça. Somente a religião da Bíblia tem a audácia de sustentar que todos os quatro podem ser verdadeiros: sofrimento, o controle absoluto de Deus, bondade de Deus e também a inocência de Jó.

Todos nós temos tendências semelhantes. Todos nós, em alguma medida, pensamos que temos o direito de entender o que Deus está fazendo através do sofrimento. Então, quando estamos sofrendo e questionamos “por quê?”, não perguntamos com humildade. Perguntamos com raiva. “Como Deus se atreve a fazer isto comigo, se o tenho seguido tão fielmente?” Ou concluímos cheios de desespero: “Acho que confiar em Deus não serviu para mim afinal.” Mas por que esperamos ter acesso a esse tipo de conhecimento?

Essa é a questão principal do livro de Jó. Talvez mais do que qualquer outra coisa, Jó nos ensina que não temos todos os fatos. Em um momento, veremos a conversa entre Deus e Satanás que responde por que Jó sofreu. Mas Jó nunca soube disso, não foi? E Deus nunca explica isso a ele. Não vemos Deus dizendo algo como: “Ah, Jó! Sinto muito por esses problemas que você está passando. Deixa eu lhe explicar o que aconteceu. Satanás veio e disse... daí eu respondi que... e então... entendeu?” Não! Nada disso. Jó é deixado no escuro.

Os amigos de Jó não entendiam por que Jó estava sofrendo. Jó também não entendia o motivo. Nós entendemos, mas só porque Deus nos revelou. Portanto, o livro de Jó não busca nos fazer entender por que o mal acontece. Pelo contrário, ele está simplesmente nos dizendo que só às vezes podemos entender. Só as vezes.

Então, se não conseguirmos o que queremos – o mesmo que Jó queria: uma explicação – como poderemos continuar a viver uma vida fiel? Isto nos leva ao nosso terceiro ponto. Muitas vezes sofremos. Às vezes entendemos. Mas sempre podemos confiar.

[Pausa para perguntas]

Sempre podemos confiar

A fé acontece exatamente quando não há entendimento. Se insistimos em viver apenas de acordo com o nosso próprio entendimento e sem qualquer confiança, então não podemos ser cristãos. Precisamos saber confiar.

A boa notícia é que temos uma base para essa confiança: o poder de Deus! O livro de Jó mostra o poder de Deus em algumas das mais belas poesias que você já leu na vida. Elas mostram aquele em quem somos chamados a confiar. Como ocorre em outros grandes livros do Velho

Testamento que lidam com o problema do sofrimento, nunca encontramos uma explicação. Porém nós entendemos mais sobre quem Deus é. E nesse conhecimento de nosso Senhor, encontramos as evidências de que precisamos para basear nossa confiança. Vemos a criação de todas as coisas feitas por ele. Ponderamos em seu poder e sua habilidade. Observamos sua providência no cuidado de tudo que ele criou, especialmente no seu cuidado para conosco. E, assim, ficamos sabendo que ele é aquele em quem podemos confiar.

Como eu disse, Jó nunca entende por que sofreu. O que ele ganha é conhecimento sobre Deus. E Jó confiou nesse Deus!

Mas nós somos muito mais abençoados, não somos? Porque Deus nos permite saber o que está por detrás dos bastidores para que possamos entender por que Jó sofreu. Vemos isso na cena da corte celestial no capítulo um. Nesta cena, Satanás estava errado. Satanás acusa Jó de servir a Deus para seus próprios fins egoístas (1.9-11). Ele diz que Jó serve a Deus porque é rico. Deus sabe que Satanás está errado, mas ele permite a Satanás tirar a riqueza de Jó. E adivinha? Mesmo tendo perdido toda a sua riqueza, Jó continua a adorar a Deus. Satanás estava errado.

Todavia, Satanás nunca foi alguém de desistir só por estar errado. Então, ele acusa Jó de servir a Deus só por ainda ter saúde. “Ah, com certeza!”, diz Satanás, “você pode pegar tudo o que um homem tem, mas se você tocar o corpo dele, descobrirá o que realmente importa para ele. Então, ele vai amaldiçoar você na sua cara.” [paráfrase]. Novamente, Deus permite que Satanás faça o que ele pede: tirar a saúde de Jó. E adivinha? Mesmo com o corpo de Jó definhando, ele ainda adora a Deus.

A mudança radical da situação de Jó revela que, por mais rico que fosse, Jó não estava adorando a Deus por causa de sua riqueza. Por mais saudável que fosse, não estava adorando a Deus por causa de sua saúde. A verdadeira adoração a Deus não depende das circunstâncias. Certamente, podemos ser gratos pelas boas circunstâncias, mas a verdadeira adoração é uma resposta a quem Deus é, independentemente do que estejamos passando.

De fato, isso nos leva a uma das principais ironias deste livro. Espero que vocês tenham notado. A maior parte do livro consiste nos amigos de Jó dizendo a ele: “Ei Jó, eu sei que você parece virtuoso, mas deve ter algum pecado nessa história”. Entretanto, eles estavam tão errados que alguém poderia ter dito a eles: “Elifaz, Zofar e Bildade, esse sofrimento poderia ter ocorrido com vocês se vocês fossem *mais* virtuosos!” Jó enfrentou esse sofrimento não por causa de seus vícios, mas por causa de sua virtude! Foi por isso que, de todas as coisas que Deus poderia ter usado para se exaltar diante de Satanás, ele escolheu Jó.

O que isso significa para nós? Significa que não confiamos em Deus porque somos muito inteligentes ou santos, mas porque o caráter dele é confiável. Esta era a única base que Jó tinha para confiar. Ele nunca leu Jó capítulo 1. Só o caráter de Deus foi mostrado a ele. Em essência, Deus está dizendo: “Jó, olhe a beleza da minha criação pela janela e deixe que isso seja informação suficiente sobre a minha bondade e poder para capacitar você a confiar em mim enquanto eu parto sua vida em mil pedaços.” E Jó confiou!

Pense no quanto mais sabemos sobre o caráter de Deus que Jó! Quantas evidências a mais temos para confiar em Deus. Saiamos do ângulo de visão que ele tinha para considerarmos o nosso. Nos evangelhos, lemos sobre a maior injustiça já perpetrada na história do universo: o assassinato do inocente Filho de Deus. E vemos como Deus usou isto para o maior bem já concebido: sua glória através da salvação da humanidade de seus pecados. Assim, as declarações sobre o sofrimento a partir do Novo Testamento podem ser redirecionadas para esse evento central. Se Deus pode usar até mesmo isso para o bem maior, quanto mais não poderemos nós confiar nos bons propósitos dele em relação ao nosso próprio sofrimento? “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, mas por todos nós o entregou, será que não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” (Romanos 8.32)

O padrão estabelecido em Jó é o mesmo que encontramos em toda a Bíblia. Como o sofrimento do povo de Deus se harmoniza com sua soberania e misericórdia? Não encontramos nenhuma explicação clara, além de um chamado a confiar. E, no entanto, através dos séculos, acumulamos mais e mais evidências para basear essa confiança, culminando no sofrimento de Cristo e sua glória.

Às vezes, Deus graciosamente nos permite ver como ele usa uma situação difícil para o nosso bem. Com certeza devemos ser gratos pelo consolo que tais momentos de compreensão nos proporcionam. Mas é perigoso achar que ele tem *obrigação* de nos fazer entender o porquê. Acabaremos desenvolvendo uma confiança falsa. Uma confiança que se baseia em nossa própria habilidade de descobrir os propósitos de Deus para cada prova específica, em vez de confiar nele e em seu caráter que ele revelou de forma definitiva em Jesus Cristo na cruz. O único digno de nossa confiança é o próprio Deus, não nós mesmos nem nossa capacidade e inteligência de entendermos as questões complicadas da vida. Podemos confiar em Deus porque, como Jó disse: "...eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra." (19.25). Como o Redentor de Jó iria redimi-lo? Vivendo de modo muito mais justo e perfeito do que Jó era capaz, e tomando sobre si muito mais sofrimento do que Jó conheceu em toda sua vida. Logo, percebam que a paciência de Jó em meio ao sofrimento, por fim, visava apontar para a justiça genuinamente perfeita e o sofrimento totalmente imerecido de Jesus Cristo na cruz. Através de sua morte na cruz e sua ressurreição no terceiro dia, Cristo derrotaria os poderes do pecado e da morte. Deus promete perdoar a todos que se arrependem de seus pecados e confiam em Cristo. E eles também, junto com Jó, estarão para sempre com seu Redentor no final.

Conclusão

Eu mencionei, anteriormente, a história dos discípulos perguntando a Jesus a respeito de um homem cego: "...Mestre, quem pecou para que este homem nascesse cego? Ele ou os pais dele?" Parece que eles estavam fazendo a pergunta errada: "Nem ele pecou, nem os pais dele; mas isso aconteceu para que nele se manifestem as obras de Deus." (João 9.3).

Deus pretende mostrar a glória dele em sua vida também e na vida de todos ao seu redor. Você pode ter certeza disso. Agora, abordar como ele pretende especificamente fazer isso nos levaria a outros livros da Bíblia. Mas dentro do contexto de Jó, podemos ver muito claramente que o Senhor pretende mostrar sua glória na vida de seus filhos enquanto eles continuam a servi-lo em meio às provas da vida. E se você é filho de Deus, reconciliado com ele por meio de Cristo, entenda que o seu sofrimento pode mostrar a glória de Deus primorosamente quando você o serve e o adora de uma maneira que desafia a compreensão e as faculdades do mundo. Se você, cristão, está atualmente passando por um período de sofrimento, pode ser que Deus esteja sentado no céu agora, dizendo a um visitante celestial: "Você reparou no meu servo?" Será que um dia você vai ver como Deus mostra a toda a criação as glórias atualmente não reveladas do que ele realizou ao criar você à imagem dele e ao recriá-lo, depois, como seu filho?

Muitas vezes sofremos. Só às vezes entendemos. E, pela graça de Deus, podemos confiar sempre. Vamos orar.